

Surto pode fazer berçário fechar

Fiscalização Sanitária tentará evitar que recém-nascidos sejam internados no Antônio Pedro

Laura Antunes

Diante da gravidade da situação do berçário do Hospital Universitário Antônio Pedro, em Niterói — onde 25 dos 40 recém-nascidos internados estão com infecção e 11 crianças morreram nos últimos 20 dias — a Coordenadoria de Fiscalização Sanitária, órgão do Governo estadual, poderá determinar nos próximos dias a interdição do setor, caso o número de mortes continue elevado. O coordenador-geral da Fiscalização Sanitária, Mauro Modesto de Brito, que inspecionou ontem o berçário, afirmou porém que, para evitar essa medida drástica, vai recomendar primeiro à Secretaria de Saúde de Niterói que tente conseguir, em regime de urgência, vagas em outras unidades da rede de saúde, para onde seriam mandados, de agora em diante, os recém-nascidos que chegassem ao Antônio Pedro.

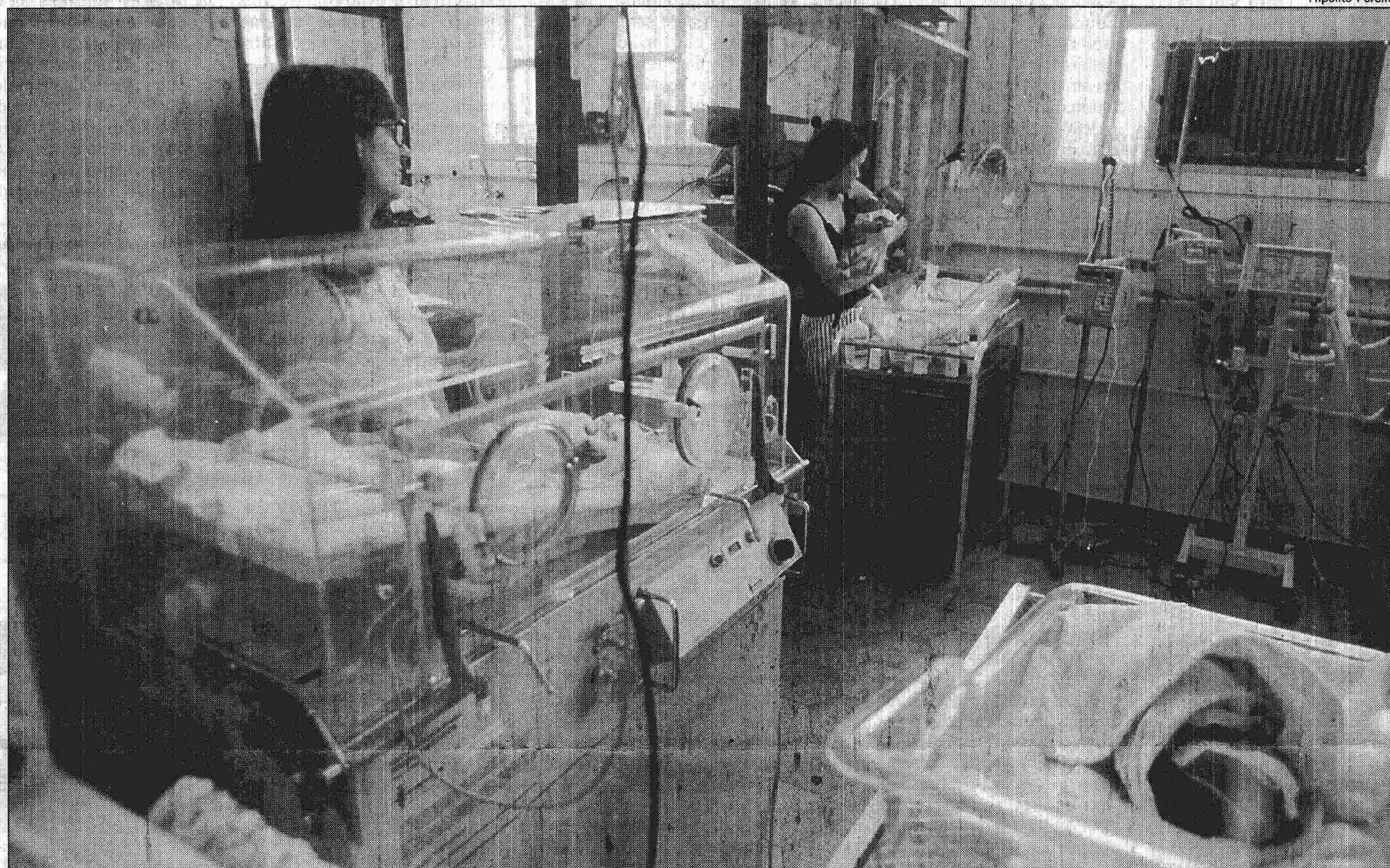
A criação dessas vagas serviria para desafogar o berçário do hospital, impedindo que mais crianças sejam internadas e corram o risco de contaminação. Até amanhã, a Secretaria de Saúde vai receber um relatório da Fiscalização Sanitária, que coletou água e sangue dos bebês para exame, com o objetivo de identificar as bactérias e saber como ocorreu a contaminação. Há o risco também de a infecção chegar a outros setores do hospital, onde estão internados pacientes adultos. Ontem, o GLOBO denunciou com exclusividade a situação do hospital, divulgando o número de mortes na segunda quinzena de outubro — um total de dez. A 11ª morte ocorreu no dia 1º deste mês.

Crianças são tratadas com uma série de antibióticos

Os bebês internados no berçário, a maioria prematuros, vêm sendo tratados com um coquetel de antibióticos. Os 11 recém-nascidos morreram de infecção generalizada. O diretor do hospital, Marco Antônio Gomes Andrade, atribuiu o surto à superlotação do berçário: a UTI, por exemplo, onde só existem seis incubadoras, chegou a abrigar semana passada 15 bebês. Diante do número reduzido de equipamentos, os médicos escolhem (dando prioridade aos casos mais graves) aqueles que ocuparão as incubadoras. Além da superlotação, de acordo com o diretor, a equipe médica e de apoio é insuficiente.

Tanto o diretor como o coordenador da Fiscalização Sanitária afirmam que, embora seja a medida técnica mais correta, não se pode neste momento recusar novas internações, pois a maternidade do hospital é referência para os casos de gravidez de alto risco. No início da semana, o Antônio Pedro conseguiu transferir sete bebês para o Hospital Getúlio Vargas, o Getulinho, também em Niterói. Desde o dia 1º deste mês, não ocorreram mais óbitos.

— O ponto principal seria diminuir, de imediato, a lotação do berçário, mas vamos aguardar os resultados dos exa-



O BERÇÁRIO DO HOSPITAL Antônio Pedro: técnicos da Fiscalização Sanitária coletaram amostras de água e sangue para descobrir que bactérias causaram surto que já matou 11 bebês

mes para tirar as conclusões. A hipótese de uma interdição não está descartada, só que não se pode fechar as portas do berçário sem ter para onde mandar novos pacientes — disse Mauro.

Até o surgimento da contaminação, segundo o diretor do hospital, a média era de 6% de mortes entre os cerca 120 nascimentos ocorridos mensalmente, o que Marco Antônio considera um número normal, já que a maioria dos pacientes apresenta quadro clínico de alto risco. A partir da segunda quinzena de ou-

tubro, no entanto, esse índice subiu para 20% de mortes para o mesmo número de nascimentos. A situação ainda não está sob controle. Uma das bactérias identificadas no surto é a Klebsiella, encontrada na flora intestinal, mas que atingindo outra área do organismo pode provocar a morte do bebê.

— Estamos entre a cruz e a espada porque não temos para onde mandar os recém-nascidos que continuam chegando, precisando de internação. A situação do nosso berçário é muito precária

e já informamos isso, através de inúmeros memorandos, à Secretaria estadual de Saúde. Temos superlotação e poucos funcionários. Como em qualquer berçário, as bactérias estão presentes, mas o risco de infecções se torna maior devido às nossas condições de funcionamento. A contaminação vem acontecendo pelo manuseio, bastando, por exemplo, levar algo à boca de um dos recém-nascidos de alto risco para haver o contato com a bactéria — explicou ele.

Em nota divulgada ontem, a Secreta-

ria de Saúde de Niterói alegou que cabe basicamente ao Governo estadual resolver o problema. Isso porque a sobrecarga do Antônio Pedro acontece por ele receber gestantes de outros municípios. Atualmente, segundo a nota, 60% das gestantes internadas no hospital moram fora de Niterói.

O número elevado de mortes assusta as mães que têm crianças internadas no berçário do Antônio Pedro. Embora tenha recebido alta, Regina Lúcia da Costa Pontes continua dormindo no hospital para acompanhar o estado de saúde do filho Isaac, de 56 dias, internado desde que nasceu porque pegou infecção.

— Acompanhei as mortes das outras crianças e fiquei pedindo para Deus não levar meu filho também. Agora ele já está quase bom. Os médicos são atenciosos, mas o berçário vive cheio. Acho que a Secretaria de Saúde deveria abrir mais vagas em outros hospitais para isso não acontecer — disse ela.

Maria dos Remédios é outra mãe que mesmo depois da alta não deixou o hospital, para acompanhar a evolução do quadro clínico do filho Pedro, de 87 dias, nascido prematuro. Por causa de três infecções seguidas — de agosto a outubro — o peso da criança despenhou de 965 gramas para cerca de 700. Ele continua internado no berçário. ■

Hipólito Pereira